

Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português

Carlos Alexandre Gonçalves

Recebido 20, jun. 2006/Aprovado 20, ago. 2006

Resumo

Estudo dos processos não-concatenativos do português brasileiro, com base na morfologia prosódica (McCARTHY, 1981, 1986). Descrição do formato morfo-prosódico da reduplicação, do truncamento, da hipocorização e do blend lexical.

Palavras-chave: morfologia não-concatenativa; interface fonologia-morfologia; morfologia prosódica.

Introdução

O objetivo deste texto é mostrar que o português, apesar de ser uma língua de morfologia predominantemente aglutinativa, também faz uso de processos não-concatenativos (McCARTHY, 1981) para ampliar seu vocabulário ou para expressar carga emocional variada. Proponho que essas operações morfofonológicas sejam distribuídas em três grupos: (a) processos de afixação não-linear (reduplicação), (b) de encurtamento (truncamento e hipocorização) e (c) de fusão (mesclagem lexical e siglagem).

Não descritos de forma sistemática em nossa língua e interpretados como irregulares pela maior parte dos estudiosos que lhes dedicaram alguma atenção (ROCHA, 1998; FREITAS, 1998; LAROCA, 1994; SANDMANN, 1990; BASÍLIO, 1987), os chamados processos marginais de formação de palavras encontram guarita em abordagens não-lineares, como a morfologia prosódica (McCARTHY, 1986; McCARTHY; PRINCE, 1990), e podem ser considerados circunscritivos (LACY, 1999): inteiramente desprovidos de conteúdo subjacente, têm materialização segmental resultante da delimitação de um domínio sobre a(s) base(s) e tamanho determinado por restrições sobre a forma prosódica.

Na história da morfologia, processos não-concatenativos – os “mal-comportados da formação de palavras” por não se ajustarem bem ao modelo Item-e-Arranjo (JENSEN, 1991) – foram diretamente responsáveis pelo esvaziamento da noção de morfema, que de “coisa” também passou a ser interpretado como “regra”. A razão desse mal-comportamento, mostra Spencer (1991, p. 133), repousa no fato de tais operações não constituírem *morfologia pura*, mas *morfologia que requer acesso a informações prosódicas*, resultando da integração de primitivos morfológicos (radical, afixo) com primitivos prosódicos (mora, pé).

Com o advento das fonologias não-lineares, operações não processadas pela adjunção sintagmática de morfemas foram progressivamente ganhando destaque, passando de morfologia-fundo à morfologia-figura. Desde McCarthy (1981) – abordagem pioneira sobre a infixação em árabe a partir do padrão CCC de raízes –, vem crescendo o interesse por processos não-concatenativos: diversas análises sobre reduplicação, infixação e *ablaut* proporcionaram o rápido desenvolvimento da morfologia prosódica (McCARTHY, 1986) e, nos dias de hoje, operações desse tipo são de interesse central na chamada “teoria da correspondência” (McCARTHY; PRINCE, 1995), uma extensão da “teoria da otimalidade” aplicada à morfologia (BENUA, 1995).

Pesquisas sobre fenômenos não-aglutinativos são vitais para a consolidação da teoria da correspondência, cuja relevância vem sendo questionada nos últimos anos (HALE; KISSOCK; REISS, 2000 ; WALTHER, 2001). Está sendo posta em xeque a

co-existência de vários conjuntos de restrições de fidelidade numa gramática – input – output (McCARTHY; PRINCE, 1993), output-output (FUKAZAWA, 1997), base-reduplicante (McCARTHY; PRINCE, 1995) e base-truncamento (BENUA, 1995). Para resolver esse impasse, processos de cópia, como os analisados neste texto, vêm emergindo da obscuridade e ocupando lugar de destaque na lingüística contemporânea.

No presente artigo, além de salientar que a morfologia portuguesa não se organiza unicamente pela sucessão linear de formativos, busco: (1) mapear as estratégias não-aglutinativas utilizadas com função lexical ou expressiva no português brasileiro; (2) mostrar como elas se manifestam em nossa língua; (3) apresentar os dispositivos morfo-prosódicos ativados por elas; e, por fim, (4) argumentar em favor do reconhecimento de três tipos básicos de processos – os de afixação não-linear, os de encurtamento e os de fusão.

Esta abordagem, que deve ser interpretada como descritiva, não propõe uma análise dos fenômenos à luz da teoria da correspondência, o que é feito em Gonçalves (em preparação). Com o intuito de refutar a idéia de que as construções aqui examinadas são “imprevisíveis” (SANDMANN, 1990), “não-susceptíveis de formalização” (LAROCA, 1994) ou mesmo “processos marginais de formação de palavras” (ALVES, 1990), utilizo a morfologia prosódica (McCARTHY; PRINCE, 1990) para iniciar uma descrição da contraparte não-concatenativa da morfologia portuguesa.

O texto aparece estruturado da seguinte maneira: na seção 1, listo e exemplifico os processos que considero não-aglutinativos em português, com ênfase em sua latitude funcional. Na seção seguinte, destaco as semelhanças e as diferenças entre eles, analisando o formato morfo-prosódico de cada um. Por fim, elenco as principais conclusões do trabalho (seção 3), apresentando as motivações que me levaram a distribuir as operações nos grupos acima mencionados.

1. Processos não-lineares do português brasileiro

Estudos sobre o português, tradicionalmente alicerçados na noção de “item”, tendem a conceber a morfologia como um módulo sintagmaticamente determinado pelo encadeamento de formativos. Sem dúvida alguma, o português é uma língua que se ajusta bem a uma descrição que isola entidades morfológicas, uma vez que a grande maioria das operações é, de fato, aglutinativa. Flexão (feliz-es), sufixação (pagod-eiro), prefixação (in-certo), composição (puxa-saco) e circunfixação (des-alm-ado) são processos que se manifestam pela concatenação de afixos ou de radicais, de modo que há condições ótimas para a isolabilidade de morfemas.

No entanto, há processos que, mesmo considerados marginais, dão mostras de que o português, sobretudo o brasileiro, também faz uso de expedientes morfo-prosódicos para formar uma nova palavra ou para externar o ponto-de-vista do falante a respeito de algo ou alguém.¹ Esses processos são os seguintes:

1.1 Reduplicação

Em Couto (1999), encontra-se uma coleção de processos de reduplicação utilizados no português do Brasil. Dessa lista, duas operações são particularmente produtivas: (i) a cópia da sílaba tônica de prenomes para formar hipocorísticos (primeira coluna de 01) e (ii) a reprodução de todos os elementos de um verbo para formar um substantivo, na grande maioria das vezes lexicalizado (segunda coluna).

(1)	Fátima > Fafá	Puxa-puxa	‘doce’
	Angélica > Gegé	Bate-bate	‘carrinho de autopista’
	Carlos > Cacá	Pega-pegá	‘brincadeira infantil’
	Barnabé > Bebé	Lambe-lambe	‘máquina fotográfica’
	André > Dedé	Pula-pula	‘brinquedo de parque de diversão’

Por copiar segmentos de uma base, o reduplicante não apresenta conteúdo segmental. Dessa maneira, o morfema reduplicativo pode ser considerado subespecificado, codificando nada além de uma representação prosódica. Embora envolvam reduplicação, os dados de (01) diferem em vários aspectos. A primeira coluna exemplifica casos de cópia parcial (apenas parte da base é reproduzida), enquanto a segunda ilustra casos de cópia total (a palavra é reduplicada por inteiro). Além disso, a circunscrição – procedimento analítico que delimita um domínio prosódico sobre bases (McCARTHY, 1991) – funciona como um alvo para o qual segmentos melódicos são mapeados, na segunda coluna: o reduplicante é anexado à palavra-matriz. Nos hipocorísticos, ao contrário, a circunscrição funciona como um delimitador que efetivamente reduz a base ao tamanho de uma sílaba, que será posteriormente reduplicada.

Do ponto-de-vista semântico, a reduplicação que caracteriza os dados da primeira coluna deve ser vista não como processo que forma nova unidade lexical, uma vez que hipocorísticos e antropônimos diferem unicamente quanto ao valor estilístico/contextual, funcionando, na verdade, como sinônimos. No caso dos verbos, há função sintática (mudança de classe) e, muitas vezes, o substantivo sinaliza uma ação continuamente repetida, como se vê em (02), o que nos leva a interpretar a reduplicação como um morfema aspectual de iteratividade, seguindo Araújo (2000).

¹ De acordo com Rio-Torto (1998), processos como a mesclagem lexical (‘chafé’) e o truncamento (‘vagaba’) não têm qualquer paralelo no português europeu. Em Araújo (2000), encontra-se uma discussão pormenorizada das diferenças entre a morfologia do PB e do PE. Em linhas gerais, as duas variedades dispõem de um conjunto nuclear de regras de formação de palavras, mas o PB lança mão de recursos ausentes na Gramática do PE (ARAÚJO, 2000, p. 09). Ao que tudo indica, os processos não-concatenativos estão na base das diferenças entre as duas variantes.

(02)	corre-corre	pinga-pinga
	coça-coça	empurra-empurra
	beija-beija	agarra-agarra
	raspa-raspa	roça-roça

1.2 Hipocorização

De acordo com Gonçalves (2001, p. 1), hipocorização é o processo pelo qual nomes próprios são abreviados afetivamente, *resultando numa forma diminuta que mantém identidade com o prenome ou com o sobrenome original*. Hipocorísticos devem ser interpretados, pois, como apelidos. Se, por um lado, hipocorísticos são apelidos, por outro apelidos não são, necessariamente, hipocorísticos. Em outras palavras, a seta que relaciona esses dois conceitos não é bidirecional, uma vez que apelido, na qualidade de hiperônimo, é, nas palavras de Monteiro (1987, p.187), *termo geral de que os hipocorísticos constituem espécie*.

Para haver hipocorização, é necessário que o termo afetivo apresente relação de correspondência com o prenome (GONÇALVES, 2001), isto é, deve haver fidelidade suficiente para que o antropônimo seja rastreado. Dessa maneira, 'Chico' é hipocorístico de 'Francisco', mas não 'Quino', analisado apenas como apelido.

Em Gonçalves (2001), apresenta-se uma lista de sistemas de hipocorização encontrados no português do Brasil. O modelo *default*, exemplificado em (03), preserva o acento lexical das palavras-matrizes, escaneando, da direita para a esquerda, um troqueu moraico. Se a sílaba final apresentar coda, o pé será monossilábico (coluna 1). Caso contrário, o troqueu será constituído de duas sílabas leves (coluna 2).

(03)	Raquel > Quel	Felipe > Lipe
	Irineu > Neu	Marilena > Lena
	Miguel > Guel	Leopoldo > Poldo
	Marimar > Mar	Augusto > Guto
	Marissol > Sol	Fernando > Nando

² Redução vocabular (ALVES, 1990), abreviação (SANDMANN, 1990), Braquissemia (MONTEIRO, 1987) e retroformação (SANDALO, 2001) são variações terminológicas usadas para descrever esse processo de formação de palavras que, ao contrário da prefixação e da sufixação, consiste na diminuição do corpo fônico da palavra derivante.

Com função de atitude subjetiva (BASÍLIO, 1987), a hipocorização não leva à formação de uma nova palavra, não apresentando, portanto, função lexical. Por seu caráter essencialmente afetivo, esse processo se assemelha à linguagem infantil, fazendo emergir formas não-marcadas (McCARTHY; PRINCE, 1994).

1.3 Truncamento

Formações truncadas (04) sinalizam o impacto pragmático do falante em relação ao enunciado, ao referente ou ao interlocutor. Dessa maneira, o truncamento² pode ser concebido como recurso morfológico de natureza expressiva, estando relacionado,

portanto, à modalização apreciativa (LOURES, 2000), através da qual o locutor imprime sua marca ao enunciado, inscrevendo-se, explícita ou implicitamente, na mensagem.

(04) delega (delegado)	salafra (salafrário)	Maraca (Maracanã)
sapa (sapatão)	analfa (analfabeto)	estranja (estrangeiro)
cerva (cerveja)	gurja (gorjeta)	vagaba (vagabunda)

Como não há distanciamento de significado entre a parte (a forma reduzida) e o todo (a palavra-matriz), pode-se dizer que o truncamento não apresenta função lexical. De fato, formas como ‘comuna’ (por comunista) e ‘batera’ (por baterista) não têm por finalidade a nomeação e/ou a caracterização de seres, eventos ou estados. Tais construções têm a função de adequar a idéia contida no item lexical às *necessidades de utilização daquela idéia – ou daquele item – para a formação de um tipo específico de enunciado* (BASÍLIO, 1987, p. 66). Em linhas gerais, formações truncadas são responsáveis pela expressão do pejorativo, revelando o ponto-de-vista do falante sobre o que diz, chamando atenção de seu interlocutor para algo avaliado negativamente.

Como se vê em (04), o truncamento reproduz parte da base, mas também se manifesta pelo acréscimo de uma vogal final nem sempre existente na palavra-matriz (entre outros, ‘vestiba’, por ‘vestibular’, ‘estranja’, por ‘estrangeiro’, e ‘sarja’, por ‘sargento’). A vogal -a funciona, pois, como uma espécie de afixo de truncamento, que, por isso, pode ser considerado processo simultaneamente não-concatenativo (cópia) e aglutinativo (acréscimo de vogal final).

1.4 Mesclagem lexical

Também chamados de cruzamentos vocabulares (SANDMANN, 1990; SILVEIRA, 2002), palavras-valise (ALVES, 1990) e misturas (SÂNDALO, 2001), mesclas lexicais são formas criadas pela junção de duas palavras já existentes na língua, como se vê em (05). Diferentes dos compostos, que tendem a preservar o conteúdo segmental das bases (‘porta-luvas’ e ‘bóia-fria’), mesclas são caracterizadas pela interseção de palavras, de modo que é impossível recuperar, através de processos fonológicos como crase, elisão e haplogia, as seqüências perdidas.

(05) chafé (chá + café)	sacolé (saco + picolé)
gayroto (gay + garoto)	cariúcho (carioca + gaúcho)
cantriz (cantora + atriz)	psicogélico (psicólogo + evangélico)
matel (mato + motel)	apertamento (apartamento + aperto)

Como assinala Silveira (2002), a mesclagem, na grande maioria dos casos, sinaliza o ponto-de-vista do emissor em relação ao objeto do enunciado, como em ‘tristemunho’ (‘testemunho’

+ 'triste'), que externaliza a opinião do falante sobre o testemunho, considerado difícil, penoso ou custoso. A pejoratividade é, sem dúvida, o caso por excelência da expressão subjetiva do falante (BASÍLIO, 1987). É nesse campo que as mesclas encontram seu maior potencial de uso, revelando intenção depreciativa do emissor, como ocorre em 'crilouro' (negro que se faz passar por louro, tingindo os cabelos), 'vagaranha' (prostituta em excesso) e 'Chattoso' (Mattoso Camara Jr., por sua obra, considerada "chata" pelos alunos da Fac. de Letras da UFRJ).

A mesclagem, além de apresentar função discursiva, também pode ser usada para formar novas unidades lexicais, a exemplo do que ocorre com as já dicionarizadas 'sacolé' (um tipo especial de picolé, em forma de saco) e 'portunhol' (mistura de português com espanhol). Assim, esse tipo de processo, ao contrário do truncamento e da hipocorização, também apresenta função lexical, servindo para rotular e/ou caracterizar seres, eventos ou estados.

Condições prosódicas devem ser satisfeitas no molde das mesclas, de modo que o processo não é arbitrário, mas regido sobretudo pela semelhança fônica entre as bases, como destaquei na seção seguinte. A sistematicidade dessa operação só pode ser observada na interação morfologia-prosódia, o que difere mesclagem de composição, fazendo do primeiro uma operação circunscrita e do segundo um processo aglutinativo.

1.5 Siglagem

Siglagem, redução sintagmática (LAROCA, 1994), acronímia (MONTEIRO, 1987) e abreviação (SANDMANN, 1990) são termos que fazem referência a um processo que consiste na combinação das iniciais de um nome composto ou de uma expressão. Os dados de (06) evidenciam que o segmento inicial pode ser um som ou uma sílaba.

- (1) CUT (Central Única dos Trabalhadores)
BANERJ (Banco do Estado do Rio de Janeiro)
EMBRATEL (Empresa Brasileira de telecomunicações)
PT (Partido dos Trabalhados)
CDF (Cabeça de Ferro)

Uma vez criados e difundidos, os acrônimos passam a ter autonomia em relação ao sintagma que lhes deu origem. Muitas vezes, o falante, apesar de reconhecer o significado do acrônimo, não consegue rastrear a expressão original, analisando a sigla como palavra primitiva. Sendo passíveis de receber afixos, como em (07), acrônimos podem formar derivados, o que comprova ser a siglagem um processo em que predomina a função lexical.

- (2) PT - petista, pró-PT, petice, petismo
 AIDS - aidético, anti-AIDS
 MOBREAL - mobrealense, pré-Mobreal
 UFO - ufólogo, ufologia

O distanciamento das formas de base advém da pequena relação de identidade entre a sigla e a expressão, uma vez que apenas a seqüência inicial é copiada. Em decorrência, é grande a probabilidade de o acrônimo suplantar de vez o sintagma-base, a exemplo do que vem ocorrendo com CPF (abreviação de 'cadastro de pessoas físicas'), que já não mantém qualquer relação de correspondência com a expressão que lhe deu origem.

Na próxima seção, procuro mapear as semelhanças e as diferenças entre as operações ora apresentadas. Para tanto, proponho um formato morfo-prosódico para cada uma, utilizando a circunscrição - procedimento amplamente difundido no paradigma da morfologia prosódica (MACCARTHY; PRINCE, 1990).

2. Sobre o formato morfo-prosódico dos processos

Os processos listados e exemplificados ao longo da seção 1 são considerados não-concatenativos pela falta de encadeamento. De fato, as bases não são modificadas pelo acréscimo de afixos, palavras ou radicais, como nas operações aglutinativas. Ao contrário, são delimitadas por um restritor que efetivamente controla seu tamanho. Embora seja responsável pelo *status* não-linear dos processos, é esse restritor que particulariza cada uma das operações aqui examinadas.

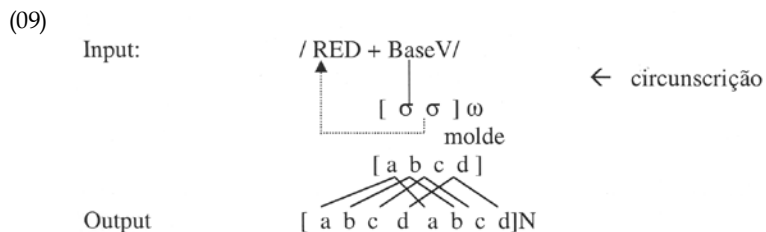
2.1 O formato da reduplicação

Diferente dos outros processos, a reduplicação pode ser considerada *um tipo "diferente" de afixação* (STRUJKE, 2000, p. 2, grifo nosso), pois o reduplicante é linearmente ligado à forma projetada para o molde, via circunscrição prosódica (McCARTHY; PRINCE, 1995). Nos exemplos listados em (01), não há como decidir se a porção reduplicada é preposta ou posposta à base, uma vez que a cópia é total: nos hipocorísticos, a sílaba CV é inteiramente reproduzida, enquanto na nominalização todo o verbo sofre redobro.

Na nominalização, a base é a 3ª pessoa do singular do presente, uma forma neutra do ponto-de-vista cognitivo (BYBEE, 1985; GÉHARDT, 2001). Os dados de (08) evidenciam que não há qualquer tipo de modificação estrutural em relação à base - um dissílabo paroxítono sem coda. Estruturas menos marcadas constituem tendência nesse tipo de reduplicação, uma vez que o processo opera unicamente com formas verbais cuja 3ª pessoa termine em vogal (segunda coluna de 08).

- | | |
|-----------------|----------------|
| (3) pisca-pisca | *retém-retém |
| bole-bole | *advém-advém |
| pinga-pinga | *quer-quer |
| raspa-raspa | *corrói-corrói |

Como a presença de um elemento em coda – uma nasal não-especificada para ponto, uma vibrante ou uma semivogal anterior – bloqueia a operação e a maioria esmagadora das bases vem a ser um dissílabo paroxítono,³ é possível admitir que a circunscrição escaneia toda a palavra prosódica para formar o substantivo deverbal reduplicativo. O mecanismo derivacional se processa como em (09) a seguir. O *input* inclui a base verbal e o morfema reduplicativo, que, na representação abaixo, aparece como prefixo, muito embora essa escolha seja arbitrária (STRUIJKE, 2000). A circunscrição delimita a própria base (uma palavra prosódica – ω), pois todos os segmentos do verbo apresentam correspondente no reduplicante.



Em (09), a circunscrição modela uma palavra prosódica (ω), cujo conteúdo segmental será inteiramente copiado por RED. As linhas de correspondência que relacionam o “recheio” do molde com o *output* evidenciam total identidade entre base e reduplicante, de modo que não há qualquer discrepância – nem mesmo de traços – entre esses elementos. Como se vê, a reduplicação de formas verbais realmente pode ser definida como um tipo de afixação, tanto do ponto de vista morfossintático (por envolver mudança de classe e por veicular o conteúdo ‘iteratividade’), quanto do ponto de vista da posição em relação à base.

De acordo com McCarthy; Prince (1995), reduplicantes tendem a apresentar estruturas fonologicamente não-marcadas, levando-se em conta o leque de possibilidades fonotáticas da língua.⁴ Com base nos dados de (08), podemos afirmar que a reduplicação bane sílabas finais travadas, em favor de abertas, e incide basicamente em pés binários com cabeça à esquerda. Estruturas ‘CV.CV – as que emergem na formação de substantivos deverbais reduplicativos – são indiscutivelmente ótimas em português: nenhuma outra forma da língua pode ser menos marcada que um dissílabo paroxítono constituído de sílabas abertas.

³ As poucas formas monossilábicas (‘cai-cai’) e trissilábicas (‘agarragarra’ e ‘esconde-esconde’) fogem à generalização e constituem problema marginal nessa análise. De qualquer forma, levando em conta os resultados de Araújo (2000, p. 09), 90% dos casos de reduplicação em verbos incidem em bases dissilábicas.

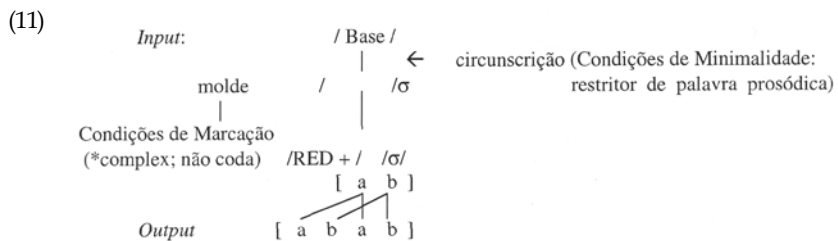
⁴ Em outras palavras, reduplicantes tendem a manifestar apenas um sub-conjunto de opções fonotáticas permitidas pela língua. A expressão “emergência do não-marcado” (McCarthy; Prince, 1994) explicita a idéia de que línguas desenvolvem estruturas não-marcadas nos contextos em que a influência da fidelidade não é tão imperativa.

A reduplicação utilizada na formação de hipocorísticos também pode ser considerada afixação, mas difere da encontrada em verbos por envolver um mecanismo transderivacional (McCARTHY; PRINCE, 1995). Nesse caso, a sílaba tônica do prenome é mapeada pela circunscrição e, uma vez satisfeitas as condições de “boa-formação silábica”, passam a funcionar como base para a reduplicação, de modo que o reduplicante guarda mais semelhança com o molde que com o antropônimo propriamente dito. Vejam-se os dados de (10):

- (10) André > Dedé Artur > Tutu José > Zezé Sueli > Lili
 Carlos > Cacá Glória > Gogó Nilton > Nini Vívian > Vivi
 Alberto > Bebé Augusto > Gugu Josefina > Fifi Valquíria > Kiki
 Angélica > Gegé Américo > Memé Fátima > Fafá

Em todos os exemplos de (10), o hipocorístico apresenta a mesma sílaba tônica que o antropônimo correspondente.⁵ Essa sílaba, no entanto, não guarda identidade absoluta com a do prenome, uma vez que não preserva a coda (‘Artur’ > ‘Tutu’) ou o *onset* complexo (‘Glória’ > ‘Gogó’) da palavra-matriz. Como na reduplicação de verbos, efeitos de marcação governam o conteúdo segmental do reduplicante, que, nesse caso, deverá apresentar, necessariamente, o formato CV. Nos verbos, as condições de marcação atuam no próprio *input*, bloqueando bases que contenham sílabas travadas ou pés monossilábicos. Nos hipocorísticos, por sua vez, tais condições agem sobre uma forma de *output*: o molde.

Ao contrário do redobro de formas verbais, a reduplicação em hipocorísticos é processada em dois momentos diferentes. Primeiramente, a circunscrição prosódica reduz a palavra-matriz ao tamanho de uma sílaba, como se vê em (11) abaixo. Essa sílaba é posteriormente avaliada pelas condições de marcação (não complexidade no *onset*; não coda) e passa a ser base para a afixação de RED. Na nominalização de verbos, a circunscrição funciona como um alvo, para o qual segmentos melódicos são mapeados. Na formação de hipocorísticos, diferentemente, a circunscrição vem a ser um delimitador prosódico que impõe minimalidade à palavra-matriz.



Nas formas verbais, a circunscrição faz um mapeamento completo da base e leva para um alvo (o molde) todos os seg-

⁵ Há casos de reduplicação em que a sílaba levada para o molde não é a tônica, como demonstrado em Gonçalves (2004). Hipocorísticos como ‘Vavá’ (de ‘Valdemar’), ‘Vivi’ (de ‘Violeta’) e ‘Lulu’ (de ‘Luciana’) são formados a partir da primeira sílaba do antropônimo. Somente um modelo baseado em restrições pode dar conta das variações encontradas na formação de hipocorísticos, o que é feito em Gonçalves (2004). Dados como esses não foram considerados por ora.

mentos utilizados por RED. Em (11), ao contrário, condições de minimalidade atuam no *input* (prenome), gerando um *output* (molde), que, por sua vez, passa a ser o *input* sobre o qual atuarão as condições de boa-formação silábica formuladas em (12) a seguir. É nesse momento da derivação que aparece RED, cuja tarefa é reproduzir a base por completo, levando ao *output* final.

- (12) **Condições sobre o molde:** A sílaba do molde deve apresentar o formato CV, de modo que não são permitidos *onsets* complexos ou codas.

Pela representação precedente (11), somos forçados a interpretar o processo como transderivacional (McCARTHY; PRINCE, 1990), uma vez que há necessidade de um nível intermediário entre base e produto: o molde é a fôrma gerada pela circunscrição, mas também a forma (1) a ser regulada pelas condições de marcação e (2) sobre a qual atua o morfema reduplicativo.

Concluindo, a reduplicação, apesar de circunscritiva, envolve afixação. Essa afixação é “diferente”, nos termos de Struijke (2000, p. 02), porque não possui o esqueleto CV e a melodia fonêmica. O reduplicante, por não apresentar especificação segmental, toma emprestado da base todos os seus elementos, incluindo a estrutura silábica e a estrutura melódica.

2.2 O Formato do truncamento e da hipocorização

O Truncamento e a hipocorização se assemelham por promoverem diminuição no corpo fônico da palavra-matriz, mas não podem ser considerados afixação, no sentido estrito do termo, pelo fato de a porção copiada não se adjungir ao molde. Diferentes da reduplicação, esses processos “**separam** uma seqüência da base” (CABRÉ, 1994, p. 4, grifo nosso), mas são bastante diferentes em forma e em função, de modo que não considero a hipocorização um tipo de truncamento, como sugerem, entre outros, Colina (1996) e Piñeros (2000).

Do ponto de vista morfo-prosódico, quatro são as diferenças entre truncamento e hipocorização: (a) a (não)formação de palavras mínimas, (b) a (não)superficialização de estruturas marcadas, (c) a (não)existência de afixo de redução e, por fim, (d) o tipo de circunscrição utilizado no processo (positiva ou negativa).

Em primeiro lugar, a hipocorização *default* (GONÇALVES, 2001)⁶ sempre isola uma palavra mínima na língua, de modo que o hipocorístico nunca extrapola o limite de duas sílabas (cf. coluna 1, de 13). O truncamento, ao contrário, tende a formar trissílabos (coluna 2).

- | | |
|---------------------|----------------------|
| (13) Augusto > Guto | Delegado > Delega |
| Filomena > Mena | Salafrário > Salafra |
| Irineu > Neu | Baterista > Batera |

⁶ Para Gonçalves (2001), esse sistema de hipocorização é o acionado primeiramente. Restrições prosódicas (ausência de *onset* na penúltima sílaba ou estruturas silábicas mais complexas) podem levar aos demais sistemas (reduplicação à esquerda ('Dudu', de 'Eduardo', e 'Lelé', de Leandro) ou à direita da base ('Dedé', de 'André', e 'Teteu', de 'Mateus') e parsing à esquerda ('Edu', de 'Eduardo', e 'Rafa', de 'Rafael')).

Isabel > Bel
 Fabrício > Biço
 Débora > Deba

Vagabunda > Vagaba
 Comunista > Comuna
 Marginal > Margina

O processo de hipocorização se inicia com a definição de um domínio sobre a palavra-matriz. Dois parâmetros regem essa delimitação: (a) o do pé (a formação de um troqueu moraico - ([μμ])) e (b) o da direcionalidade (da direita para a esquerda do antropônimo - E ← D ##). Esses parâmetros definem a circunscrição positiva, já que o conteúdo segmental descartado é o que fica fora desse domínio (McCARTHY; PRINCE, 1990). Portanto, o material que aparece no hipocorístico é exatamente aquele rastreado pela circunscrição prosódica, que atua no sentido de isolar uma palavra mínima: um troqueu moraico é copiado do domínio-fonte (a palavra-matriz) para o domínio-alvo (o molde). Vejam-se mais dados em (14):

- | | | | |
|------|-----------------|---------------|-------------------|
| (14) | Felipe > Lípe | Raquel > Quél | Alexandre > Xánde |
| | Antônio > Tónho | Isabel > Bél | Edivaldo > Váldo |
| | Augusto > Gúto | Marimar > Már | Fernando > Nándo |
| | Filomena > Ména | Nicolau > Láu | Reginaldo > Náldo |
| | Roberto > Béto | Miguel > Guél | Rosimeire > Méire |

A vogal tônica do pé mais à direita constitui a primeira mora do troqueu. Havendo coda ou ditongo pesado (BISOL, 1989) na sílaba final, o troqueu será monossilábico, como em 'Quél' ('Raquel') e 'Lau' ('Nicolau'). Se não houver ramificação no núcleo ou na rima da sílaba final, ao contrário, ter-se-á um troqueu dissilábico, como em 'Lene' ('Marilene') e 'Xande' ('Alexandre'). Os limites da circunscrição prosódica sempre coincidem com os limites da sílaba, pois (i) *onsets* nunca desgarram de suas rimas, (ii) núcleos não são apagados ou inseridos, (iii) nem codas são ressilabificadas. Em (15), aparece formalizado o procedimento da circunscrição prosódica. Tanto em 'Marilene' quanto em 'Raquel', a margem direita da base coincide com a margem direita da circunscrição prosódica e, conseqüentemente, com a margem direita do molde para a formação do hipocorístico. Da direita para a esquerda, forma-se um pé bimoraico, que separa a seqüência da base a ser utilizada na hipocorização.

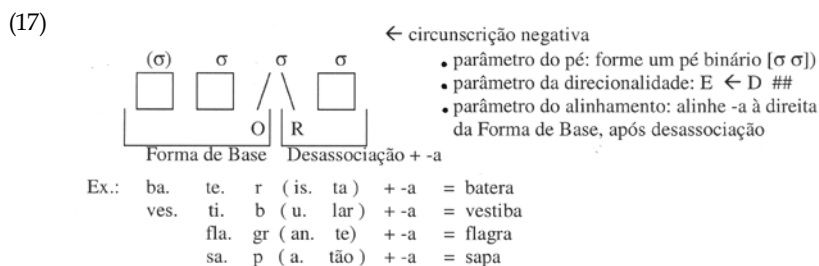
(15)



No truncamento, a circunscrição mapeia uma seqüência que não aparecerá na forma diminuta. Em outras palavras, a circunscrição é negativa, pois o conteúdo segmental fora do domínio é o que será aproveitado na forma truncada. Vejam-se os dados em (16), a seguir. Diferente da Hipocorização, o truncamento não leva em conta o acento lexical da palavra-matriz e sempre forma paroxítonas, independentemente da pauta acentual da base.

(16)	japa (japonês)	sapa (sapatão)	trava (travesti)
	comuna (comunista)	sarja (sargento)	vagaba (vagabunda)
	frila (free-lancer)	granfa (grã-fino)	malcra (mal-criado)

Os dados de (16) revelam que o truncamento opera de modo semelhante em nomes simples e em compostos que funcionam como unidade vocabular, do ponto de vista fonológico. Construções como 'granfa' e 'frila', originárias dos compostos 'grã-fino' e 'free-lancer', respectivamente, apresentam o mesmo comportamento de palavras como 'trava' e 'sarja', formadas a partir dos nomes simples 'travesti' e 'sargento', nesta ordem. Em todos os casos, forma-se um pé binário, da esquerda para a direita, do qual será aproveitado somente o primeiro onset que, alinhado à vogal -a, constituirá a última sílaba da palavra braquissemizada. Nesse sentido, a representação subjacente do truncamento pode ser analisada como uma seqüência de sílabas vazias: a última é inteiramente dissociada e a penúltima tem sua coda descartada, sendo copiado somente o onset – seja ele simples, como em 'Maraca', ou complexo, como em 'salafrá'. As sílabas anteriores (uma ou duas) constituirão parte da forma que servirá de base para a afixação de -a. Em termos de representação, teríamos o seguinte:



Essa análise preserva a idéia de que morfemas possuem representações subjacentes. Nesse sentido, formações truncadas seriam caracterizadas por uma representação subespecificada,⁷ que consiste na preservação de todo o material fônico, da esquerda para a direita, até o *onset* do pé mais à direita do item derivante, incluindo-o, já que o material após esse *onset*

é circunscrito negativamente. Esse padrão geral só é violado quando a penúltima sílaba da palavra-matriz não apresenta o ataque. Por exemplo, em ‘confa’, formado a partir de ‘confiança’, não são copiados os segmentos que imediatamente precedem o pé binário mais à direita da palavra. Ao contrário, esse pé é inteiramente descartado, fazendo com que a circunscrição avance para a esquerda e promova a cisão em ‘fi’ (con.f[i.an.ça] + -a). Dados como esse revelam que a sílaba final do truncamento deve necessariamente apresentar *onset*, em decorrência da afixação de uma vogal.

Como se pode perceber, os dois fenômenos discutidos nesta sub-seção apresentam diferenças consideráveis. A hipocorização forma palavras mínimas, leva em conta o acento lexical da base e não faz uso de qualquer tipo de afixo. Além disso, a circunscrição prosódica age positivamente, levando a porção rastreada a constituir o hipocorístico. O truncamento, ao contrário, não forma palavras mínimas e é cego à pauta acentual da base. A circunscrição utilizada é a negativa, o que faz com que a seqüência mapeada seja descartada para fins de adjunção de um sufixo: a vogal -a. Outra diferença entre os processos são os efeitos de marcação, discutidos a seguir.

Por se assemelhar à linguagem infantil, no sentido de privilegiar “marcação sobre fidelidade” (GONÇALVES, 2001), a hipocorização se sujeita a condições de boa-formação silábica, o que não acontece com o truncamento. De fato, os exemplos de (18) mostram haver diferenças entre o material circunscrito e o que efetivamente aparece nos hipocorísticos. Estruturas silábicas menos complexas constituem tendência nesse tipo de formação, que privilegia sílabas destravadas (coluna 1), onsets simples (coluna 2), além de não se iniciarem por vogais (coluna 3)

(1) Francisco > Chico	Alexandre > Xánde	Mariana > Nána
Roberto > Beto	Euclides > Kíde	Joelma > Méлма
Augusto > Guto	Gertrudes > Túde	Eduardo > Dado

Discrepâncias segmentais entre moldes e hipocorísticos devem ser entendidas como resultantes do papel desempenhado pelas condições de boa-formação silábica (11). Como os reduplicantes, também os hipocorísticos banem qualquer tipo de complexidade no *onset*, de modo que seqüências CC são sempre simplificadas. Nos truncamentos, há tolerância quanto à presença de ataques complexos, como se vê em (19). Dessa maneira, discordo de Araújo (2000), para quem o truncamento é um tipo de processo morfológico em que emergem estruturas não-marcadas. No meu entender, o *slogan* “emergência do não-marcado” (McCARTHY; PRINCE, 1994) somente faz sentido nos casos de reduplicação e hipocorização. O truncamento

⁷ Tal procedimento analítico, conforme McCarthy (1986), consiste em omitir informações na representação subjacente, preenchidas mais tarde, com o propósito de se obter a representação de superfície. Dessa maneira, a presença de uma estrutura prosódica não-preenchida engatilharia um processo automático de cópia dos segmentos da base.

– que não necessariamente forma pés binários e sílabas abertas e não impede a presença de *onsets* complexos – é caracterizado por privilegiar fidelidade sobre marcação, sendo muito mais fiel à base, preservando uma seqüência da palavra-matriz que, levando em conta a ação da analogia (BASÍLIO, 1998), pode ser reinterpretada como raiz.

- | | |
|---------------------------|------------------------|
| (19) salafrário > salaфра | free-lancer > frila |
| flagrante > flagra | mal-criado > malcra |
| grã-fino > granfa | estrangeiro > estranja |

De fato, a supressão encontrada nos casos de truncamento é sempre de uma seqüência fônica tomada como afixo.⁸ Nas palavras de Basílio (1987, p. 38), tem-se esse processo “ quando uma palavra é interpretada como sendo uma construção base + afixo e então o afixo é retirado para se formar uma outra palavra, constituída apenas da suposta base”. A porção suprimida pode não apresentar qualquer *status* morfológico, não sendo, necessariamente, um sufixo (‘vestib-ular’, ‘sap-atão’, ‘cerv-eja’ e ‘Marac-anã’, entre outros). Do ponto de vista cognitivo, no entanto, é possível analisar o truncamento como processo de reanálise (ALVES, 2002), sendo a circunscrição negativa interpretada como sufixo e o que resta, após a delimitação, como base. Tem-se, portanto, mais uma diferença, desta feita morfológica, entre hipocorização e truncamento.

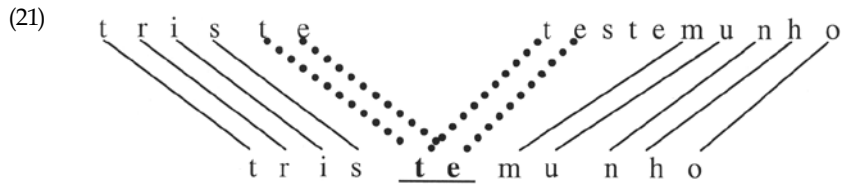
2.3 O formato do *blend*

Mesclas lexicais têm sido interpretadas como uma subcategoria de compostos, uma vez que os morfemas que participam de sua formação são livres ou potencialmente livres (LAUBSTEIN, 1999; PIÑEROS, 2000; SANDMANN, 1990). Como morfemas livres equivalem a palavras morfológicas (MWds), admite-se que mesclas e compostos combinam MWds para gerar um novo lexema. Esse novo lexema, dessa forma, constitui uma MWd complexa, representada por MWd*, como em (20) a seguir:

- (1)
- $$\begin{array}{c}
 \text{MWd}^* \\
 \diagdown \quad \diagup \\
 \text{MWd} \quad \text{MWd}
 \end{array}$$

⁸ A grande maioria dos sufixos do português apresenta o mesmo formato da circunscrição negativa: um dissílabo iniciado por vogal que, com o *onset* da base, formará a penúltima sílaba da palavra derivada.

Nos *blends*, a combinação de palavras promove ruptura na ordem linear estrita por meio de um *overlapping*, que leva a uma correspondência de um-para-muitos entre forma de base e forma cruzada. Como resultado, uma das bases é realizada simultaneamente com uma parte da outra. Veja-se (21) abaixo:



Em linhas gerais, mesclas podem ser entendidas como “a junção de dois vocábulos, sendo que o segundo é usado para completar uma parte do primeiro” (LAUBSTEIN, 1999, p.1); dessa forma, distinguem-se de criações analógicas (22), aqui interpretadas como substituições sublexicais, por envolverem a incorporação de uma “palavra invasora” na chamada “palavra-alvo”. A palavra-alvo (base) apresenta uma porção fonológica que coincide com a encontrada numa forma de livre-curso da língua. Em ‘macumba’, por exemplo, a seqüência ‘má’, que não apresenta qualquer *status* morfológico, é idêntica ao adjetivo ‘má’. A palavra invasora é projetada a partir dessa seqüência, levando consigo suas estruturas métrica e silábica. ‘Boa’ promove o constituinte ‘ma’ à condição de radical, substituindo sublexicalmente essa seqüência.

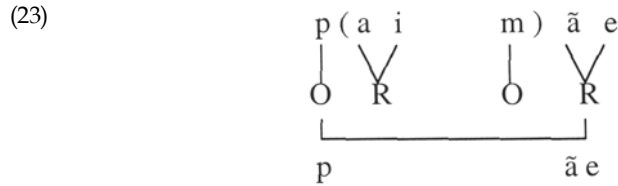
- | | |
|----------------|--|
| (1) mãedrastra | (madrasta tão boa como uma mãe) |
| bebemorar | (comemorar à base de bebidas) |
| tricha | (homossexual afeminado em demasia; três vezes bicha) |
| halterocopismo | (levantamento de “copos” com bebida alcoólica) |

Blends não operam como criações analógicas, não podendo ser analisados como substituições sublexicais. A mesclagem, na verdade, vem a ser o resultado da fusão de dois vocábulos que atuam em “planos alternativos”, ao contrário das formações analógicas, cujas bases operam em “planos competitivos”. Nesse último caso, o alvo é apenas uma das palavras, e a interseção das bases é ocasionada pela reanálise intencional da forma-alvo.

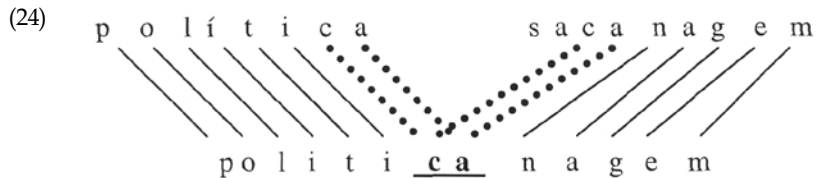
Cruzamentos são, portanto, junções de duas palavras: palavra 1 (P1) e palavra 2 (P2). O ponto de quebra (local em que essa fusão ocorre) permite levantar algumas conclusões acerca da estrutura lexical das mesclas. Em linhas gerais, há dois padrões para *blends* no português do Brasil: (a) um para os casos em que P1 e P2 apresentam algum tipo de semelhança fônica e (b) outro para aqueles em que P1 e P2 são totalmente dessemelhantes do ponto-de-vista segmental. Essa (des)semelhança fônica determinará o ponto de quebra.

Se as duas palavras envolvidas são monossílabas, a unidade após a quebra pode ser identificada como rima (23). A mescla de ‘pai’ com ‘mãe’, originando ‘pãe’ (pai zeloso ou pai que cuida do filho sem a presença da mãe), separa o *onset* da

rima, aproveitando o ataque de P1 e a rima de P2, como se vê na representação a seguir.



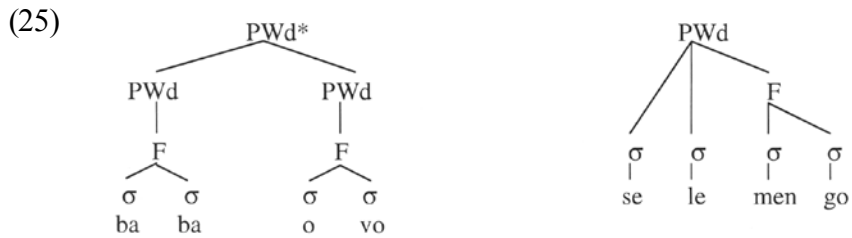
Dados como (23) nos levam a identificar a rima como unidade de produção nos *blends*. Contudo, existe o problema de detectar qual é a porção das bases que vêm antes e depois da quebra. Bastante clara nos monossílabos, essa situação é mais delicada no caso de vocábulos maiores. As palavras ‘saco’ e ‘picolé’ apresentam uma sílaba em comum (‘co’). Essa semelhança determina não só a interseção das palavras, como também a posição das bases no interior da mescla. Em decorrência de a sílaba ‘co’ ser átona final em ‘saco’, o *blend* preservará o acento de ‘picolé’, fazendo com que essa forma funcione como P2 (cabeça lexical do cruzamento) e seja responsável pela pauta acentual da nova formação (‘sacolé’ – picolé em saco). Caso contrário, a mistura não daria certo. Raciocínio semelhante pode ser encaminhado à junção de ‘política’ com ‘sacanagem’, cujo *blend* é ‘politicanagem’. A presença de uma sílaba comum (‘ca’) determina o ponto de quebra: como essa sílaba é átona em ‘política’, P2, a cabeça lexical (núcleo da mescla), será ‘sacanagem’, que levará seu acento lexical para a nova palavra, como se vê em (24):



Nos casos em que as bases são totalmente dessemelhantes, não haverá descontinuidade morfológica. A quebra será feita com base no melhor rastreamento das bases (maior grau de identidade). Por exemplo, ‘português’ e ‘espanhol’ não apresentam qualquer segmento em comum, do ponto-de-vista da estruturação silábica.⁹ Nesse caso, a quebra será feita nas tônicas, sendo aproveitadas as duas sílabas iniciais de ‘português’ e a sílaba final de ‘espanhol’, resultando em ‘portunhol’ (mistura de português com espanhol). A outra possibilidade (‘espaguês’), por ser mais opaca, dificilmente levaria às bases que motivaram o processo. O mesmo acontece com ‘selemengo’ (o Flamengo, time de futebol carioca, comparado à seleção brasileira), ‘cariúcho’ (gaúcho que

vive muito tempo no Rio e já se considera carioca) e ‘showmício’ (comício com apresentação de shows musicais).

O que segue ou o que precede o ponto de quebra nem sempre é um constituinte morfológico, fazendo com que o *blend* seja visto como fenômeno distinto da composição, cujo encadamento preserva a integridade das bases, mesmo que atue um processo fonológico, como a crase (‘aguardente’), que modifique uma delas. A despeito das similaridades morfossemânticas (SILVEIRA, 2002), há uma diferença crucial entre *blends* e compostos: nos compostos regulares,¹⁰ cada um dos formativos projeta sua própria palavra prosódica (PWd), enquanto nos *blends* os dois formativos levam a uma só PWd, como se vê em (25):



Em resumo, a mesclagem lexical é um processo de formação de palavras que acessa informações fonológicas, como (a) a posição do acento de P1 e P2, (b) o grau de semelhança fônica entre as bases e (c) a natureza estrutural da seqüência compartilhada pelas formas a combinar. Por esses motivos, deve ser vista não como um caso de substituição sublexical, como as criações analógicas, mas como uma fusão que leva à concatenação não-linear de bases, o que faz com que essa operação se diferencie da composição, cuja ligação sempre se dá por encadamento, seja ele por justaposição (‘baba-ovo’, bajulador) ou por aglutinação (‘girassol’, tipo de flor).

3. Palavras finais

No decorrer do texto, frisei que os processos morfológicos aqui examinados diferem dos demais (composição, flexão e derivação) por não envolverem simples adjunção sintagmática de formativos a bases. Tendo em vista a falta de encadamento, propus que esses mecanismos sejam analisados como não-concatenativos em português. Apesar de semelhantes nesse aspecto, tais operações diferem em vários outros (p. ex., função e formato morfoprosódico), o que me levou a distribuí-las em três grupos: (a) afixação não-linear (reduplicação), (b) encurtamento (truncamento e hipocorização) e (c) fusão (siglagem e mesclagem lexical).

Os três primeiros fenômenos se assemelham por requererem mapeamento melódico a partir de uma única forma de base: uma seqüência da palavra-matriz é copiada e afixada (re-

⁹ A semelhança fônica deve ser interpretada não como a mera presença de um segmento comum, mas como uma semelhança em termos de posição na estrutura da sílaba. Assim, embora ‘show’ e ‘comício’ apresentem uma vogal média posterior em comum (/o/), essa identidade não é estrutural, uma vez que as rimas são diferentes: na primeira palavra, a rima é ramificada (/ow/), enquanto na segunda a rima é constituída unicamente da vogal média (/o/). Dessa forma, ‘show’ e ‘comício’ são interpretadas como dessemelhantes, sendo o *blend* formado a partir do padrão 2 (‘showmício’).

¹⁰ De acordo com Villalva (2000), Rio-Torto (1998) e Silveira (2002) não são produtivos os chamados compostos aglutinados, cujo produto leva a uma só palavra prosódica.

duplicação) ou passa a funcionar como unidade lexical autônoma (truncamento e hipocorização). Esses processos manipulam uma só base e podem ser considerados casos de derivação, no sentido de levar a um vocábulo diferente com o redobro (reduplicação) ou com a supressão de segmentos (truncamento e hipocorização).

Ao contrário da hipocorização e do truncamento, a reduplicação utiliza aglutinativamente o conteúdo segmental rastreado pela circunscrição prosódica. Por esse motivo, pode ser considerada “afixação diferente” (STRUIJKE, 2000) – uma afixação não-linear. Truncamento e hipocorização separam uma seqüência da base, podendo ser vistos como processos de encurtamento. Embora tomem emprestado do derivante todos os seus elementos, o material copiado nunca é adjungido às palavras-matrizes.

Os dois últimos fenômenos (*blend* e siglagem), semelhantes entre si, diferem dos demais por envolverem mapeamento de mais de uma base. No primeiro caso (mesclagem lexical), uma parte da palavra 1 é fundida com uma parte da palavra 2, resultando numa terceira forma, cujo conteúdo final pode ser interpretado pela soma dos conteúdos parciais (‘psicogélico’ = um psicólogo evangélico). A siglagem também faz uso de mais de uma palavra-matriz, mas há maior distanciamento entre base e produto, de modo que os falantes muitas vezes não conseguem rastrear a expressão de onde provém o acrônimo. Uma vez que pelo menos duas bases participam de sua formação, mesclas e siglas podem ser interpretadas como casos de composição, apesar de as primeiras operarem com, no máximo, duas palavras-matrizes (‘gayúcho’ = ‘gaúcho’ + ‘gay’) e as últimas com um número que tende a ser superior a dois (‘IBGE’ – ‘Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística’). Mesclas lexicais e siglas se caracterizam pelo aproveitamento de pelo menos duas bases, mas, ao contrário da composição, utilizam apenas fragmentos delas, o que nos leva a concluir que não há concatenação estrita, mas fusão num plano multilinear.

Enquanto siglagem e *blend* quase sempre apresentam função lexical, tendo o produto a finalidade de nomear uma nova entidade, favorecendo a lexicalização, hipocorísticos e truncamentos são sempre utilizados com função expressiva, muito embora o tipo de expressividade seja diferente em cada um. Na reduplicação, há casos que evidenciam função lexical (verbos reduplicados) e casos unicamente com função expressiva, de modo que esse processo se apresenta como multifuncional em português (COUTO, 1999).

Portanto, são basicamente cinco as diferenças entre os processos (a) de afixação não-linear (reduplicação), (b) de encurtamento (truncamento e hipocorização) e (c) de fusão (mesclagem lexical e siglagem):

- (1) os dois primeiros grupos têm como *input* uma única base, a partir da qual opera a circunscrição prosódica; os do terceiro, ao contrário, requerem pelo menos duas bases;
- (2) as operações dos grupos (a) e (b) podem ser consideradas derivacionais, ao passo que os do grupo (c) devem ser interpretadas como casos de composição;
- (3) os processos do grupo (a) levam o material rastreado a se adjungir à forma de base, o que não acontece com os demais;
- (4) os mecanismos do grupo (b) não formam palavras novas, haja vista que o item derivado – que pode ser considerado sinônimo do derivante – é marcado pela função expressiva (BASÍLIO, 1987);
- (5) os do grupo (c) apresentam função lexical, uma vez que o produto é geralmente uma nova palavra na língua.

No decorrer do texto, procurei refutar a tese de que esses “processos marginais de formação de palavras” são idiossincráticos (ALVES, 1990; MONTEIRO, 1987). A regularidade de tais operações provém da integração de primitivos morfológicos com primitivos prosódicos e, por isso, uma abordagem mais compreensiva de tais fenômenos requer enfoque a partir da interface morfologia-fonologia. Os procedimentos analíticos da morfologia prosódica – moldes e circunscrições – possibilitam descrever processos não-concatenativos de modo bastante natural, explicitando que eles não constituem, de fato, “morfologia pura”, mas “morfologia fonológica”, nas palavras de McCarthy (1986).

Abstract

Approaches of Brazilian Portuguese non-concatenative morphological process within the framework of prosodic morphology (McCarthy, 1981, 1986). Description of morphological and prosodic patterns of reduplication, truncation, lexical blend, inter alia.

Keywords: non-concatenative morphology; phonology morphology interface; prosodic morphology.

Referências

- ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.
- ALVES, J. B. *Truncamento no português do Brasil: acaso ou processo?* 2002. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa em andamento) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.
- ARAÚJO, G. Processos morfológicos marginais no português brasileiro brasileiro: truncamento e reduplicação. In: COLÓQUIO “ACENTO EM PORTUGUÊS”. 2000, Campinas, SP. *Anais...* Campinas, SP: UNICAMP, 2000.
- BASÍLIO, M. O papel da analogia na formação de palavras: regras são clichês lexicais. *Veredas*, [S.l.], v. 2, n.1, p. 9-21, 1998.
- _____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BENUA, L. Identify effects in morphological truncation. *Papers in optimality theory*, [S.l.], v.18, n.1, p. 77-136, 1995.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *DELTA*, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- BYBEE, J. *Morphology: a study of relation between sound and meaning*. Amsterdam: John Benjamin, 1985.
- CABRÉ, T. Minimality in catalan truncation process. *Catalan Working Papers in Linguistics*, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 1-21, 1994.
- COLINA, S. Spanish truncation processes: the emergency of the unmarked. *Linguistics*, [S.l.], v. 34, n.1, p.199-218, 1996.
- COUTO, H. H. A reduplicação em português. *Lusorama*, [S.l.], v. 40, n.1, p. 29-40, 1999.
- FREITAS, H. R. *Princípios de morfologia*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998.
- FUKAZAWA, H. Multiple input-output faithfulness relations in japanese. In: BERT, I. *Proceedings of MALC*. Missouri: University of Missouri, 1997.
- GÉHARDT, A. F. M. *Considerações em tempo*. 2001. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2001.
- GONÇALVES, C. A. Condições de minimalidade no molde da Hipocorização. In: CONGRESSO DA ASSEL-RIO, 11., 2001, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001. p. 215-22.
- GONÇALVES, C. A. *Hipocorísticos e otimalidade: restrições e emergência de formas ótimas*. Campinas, SP: UNICAMP: CNPq, [2006]. No prelo.
- HALE, M.; KISSOCK, M.; REISS, C. Output-output correspondence in optimality theory. In: WCCFL, 16., 2000, Missouri. *Proceedings of WXXFL...* Missouri: MUniversity of Missouri, 2000.
- JENSEN, J. *Morphology: word structure in generative grammar*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

- LACY, P. de Circumscriptive morphemes. In: MEETING OF THE AUSTRONESIAN FORMAL LINGUISTICS ASSOCIATION, 6., 1999, Holland. *Proceedings...* Holland: Hollan Academic Graphics, 1999.
- LAROCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. Campinas, SP: Pontes, 1994.
- LAUBSTEIN, A. S. Word blends as sublexical substitutions. *Canadian Journal of Linguistics*, [S.l.], v. 44, n. 2, p. 127-48, 1999.
- LOURES, L. H. *Recursos morfológicos com função expressiva em português e francês*. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.
- McCARTHY, J. A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 373-418, 1981.
- . A prosodic theory of nonconcatenative morphology. *Linguistic Inquiry*, [S.l.], v.12. n. 3, p. 373-417, 1986.
- . *Lectures on prosodic morphology*. Santa Cruz: LSA Summer Institute, University of California at Santa Cruz, 1991.
- .; PRINCE, A. Foot and word in prosodic morphology. *Natural language and Linguistic Theory*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 209-84, 1990.
- .; PRINCE, A. Generalized alignment. In: BOOIJ, G. E.; MARLE, J. (Ed.). *Yearbook of morphology*. Dordrecht: Kluwer, 1993.
- .; PRINCE, A. The emergence of unmarked. *Proceedings of NELS*, [S.l.], v. 24, n. 1, 1994, p. 333-79.
- .; PRINCE, A. *Faithfulness and reduplicative identity*. Rutgers: Rutgers University, 1995.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- PIÑEROS, C. E. *Word-blending as a case of non-concatenative morphology in spanish*. Rutgers: Rutgers University, 2000. Disponível em: < roa.rutgers.edu >.
- RIO-TORTO, M. G. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Lisboa: Porto, 1998.
- ROCHA, L. C. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: Ed.da UFMG, 1998.
- SÂNDALO, M. F. Morfologia. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Ed.). *Introdução à lingüística*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1990.
- SILVEIRA, C. M. da. *Cruzamento vocabular em português: acaso ou processo?* Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa)-Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

SPENCER, A. *Morphological theory*. Cambridge: Basil Blackwell, 1991.

STRUIJKE, C. Why constraint conflict can disappear in reduplication. In: NELS, 30., 2000, Amherst. *Proceedings...* Amherst: GLSA, 2000.

VILLALVA, A. *Estruturas lexicais do português*. Coimbra: Almedina, 2000.

WALTHER, M. *Correspondence theory: more candidates than atoms in the universe*. Marburg: Institut für Germanistische Sprachwissenschaft, 2001.